

SÍMBOLOS E TRADUÇÃO¹

*Eugene A. Nida **

RESUMO: Este artigo propõe uma discussão sobre as implicações semióticas inseridas em cada escolha e tomada de decisão tradutória. O autor busca enfatizar que em qualquer tradução há a necessidade de se compreender as combinações das palavras nos textos e não o significado isolado de cada uma delas. São apresentadas também as especificidades dos significados icônicos, indexados e convencionais, bem como a importância dos signos não verbais no processo comunicativo entre duas ou mais comunidades lingüísticas. Os cinco sentidos também são tidos como os meios pelos quais adquirimos todo e qualquer conhecimento. Por meio de exemplos práticos, Eugene Nida ainda nos informa que muitos símbolos semióticos alteram radicalmente suas funções e suas formas, conforme as mudanças ocorridas na própria sociedade. Finalmente, dois filtros comunicativos (o estado emocional dos receptores e as pressuposições da cultura) são apontados como fatores determinantes para a compreensão de um texto e sua posterior tradução.

UNITERMOS: tradução; símbolos.

Assim que comecei a ajudar tradutores em diversas partes do mundo, percebi que precisava de mais *insight* a respeito dos significados das palavras e dos textos do que aquilo que é oferecido pela maioria dos dicionários, léxicos e enciclopédias. Os artigos sobre semiótica de Jakobson, Peirce e Sebeok ofereciam

¹ Artigo de julho de 2001, traduzido por Lucinéa Marcelino Villela em janeiro de 2002.

* Secretário Executivo na Área de Traduções. Coordenador de Pesquisas em Tradução da United Bible Society. Antropólogo.

muito mais ajuda e, sinceramente, tentei auxiliar os tradutores a perceberem as recompensas dos *insights* sobre o significado dos símbolos verbais.

Eu me deleitava com cada edição da *Semiótica*, mas não pude concordar com Barthes e Derrida, que queriam que cada texto publicado fosse completamente livre de seu contexto cultural e, portanto, aberto para toda e qualquer interpretação que os leitores desejassem impor. Isso pareceu-me completamente contrário à necessidade que as pessoas têm de reconhecer as circunstâncias culturais que estimularam a produção de um texto e ajudaram materialmente a contribuir para o próprio entendimento desse mesmo texto.

Tentei ajudar os tradutores a verem as vantagens dos *insights* semióticos, mas o foco da semiótica, maior nas palavras individuais do que nos blocos semânticos do significado, não impressionou os tradutores, que sentiram que precisavam somente de bons dicionários bilíngües, léxicos e enciclopédias. De fato, alguns estudantes chineses decoraram dicionários inteiros da língua inglesa na esperança de que isso lhes possibilitasse falar inglês com fluência e eficácia. As palavras certamente são importantes, mas são apenas etiquetas para a bagagem sensorial; o que importa são os conteúdos da bagagem para que se compreenda as outras pessoas e a nós mesmos.

Para se compreender o significado dos textos, não é suficiente saber os significados padrões de palavras isoladas, mas o meio pelo qual as palavras combinam-se nos textos para especificar diversos arranjos complexos de entidades, atividades, estados, processos, características e relações.

A definição da palavra inglesa *turn* como “mover-se em volta de um eixo” não é de muita ajuda nas seguintes expressões:

- *he turned the soil* (ele arrou o solo): uma referência a lavar a terra;
- *the road turns at the bridge* (a estrada contorna a ponte): somente metaforicamente;
- *It's my turn* (é a minha vez): ordem de atividade;
- *the leaves have turned* (as folhas mudaram de cor): uma alteração;

- *they turned the crowd against him* (eles colocaram a multidão contra ele): um ato de persuasão ou força;
- *she just turned sixteen* (ela acabou de fazer 16 anos): um marcador de tempo;
- *the steak was done to a turn* (o bife foi feito bem no ponto: frito perfeitamente);
- *my father turned Catholic* (meu pai converteu-se ao catolicismo): tornar-se.

Perceba também como a palavra *turn* pode combinar com os advérbios subseqüentes para produzir significados diferentes, por exemplo:

- *turned down the job* (recusar o trabalho);
- *turned in early* (deitar-se cedo; deixar o trabalho antes do que o costume, ou ir para a cama cedo);
- *turn out well* (dar certo);
- *turn off the heat* (desligar o aquecedor);
- *turn up the noise* (aumentar o barulho);
- *turn away the crowd* (dispersar a multidão);
- *turn back the clock* (voltar o relógio);
- *a big turnout* (tanto uma concentração de pessoas inesperadamente numerosa, quanto uma rua íngreme e larga para veículos com freios inadequados);
- *a turnover* (um rápida queima de estoque ou uma rápida substituição de estoque ou de pessoas).

Tradicionalmente, todas essas ocorrências de palavras tais como “turn” eram consideradas como tendo essencialmente o mesmo significado ou conjunto de significados subjacentes, por mais estranhas que fossem as definições desses significados, cabendo às circunstâncias contextuais simplesmente indicar qual dentre os significados de “turn” deveria ser o correto. Esta é essencialmente a abordagem tradicional atômica para o significado, a qual afirma que certas palavras têm um certo número de significados e que os contextos que os acompanham simplesmente apontam para o significado correto. Parece-nos, porém, muito mais relevante considerar as várias combinações das palavras como tendo significados moleculares que representam a unidade semântica combinada.

Esse princípio de definir significados em termos de conjuntos é perfeitamente pertinente às implicações da teoria da informação, que demonstra como a função de qualquer palavra núcleo precisa ser minimizada, enquanto a função das palavras contextuais precisa ser maximizada. Isso é também exatamente o que alguns lingüistas descreveram em termos de blocos semânticos. Palavras não como contas num fio de náilon, mas como blocos de unidades significativas.

Signos icônicos, indexados e convencionais

A distinção semiótica básica entre significados icônicos, indexados (freqüentemente chamados de dêiticos) e convencionais pode ser de muita utilidade no reconhecimento de diferentes funções de palavras, objetos e eventos. Por exemplo, algumas palavras têm uma forma que sugere um aspecto do significado do signo. Compare termos como *babble*, *stutter*, *slobber*, *bowwow*, *cuckoo* (sussurro, gagueira, choramingo, latido, canto do cuco), e sinais pictóricos como aqueles que marcam os banheiros femininos e masculinos, ou considere o significado icônico do *Pensador* de Rodin. Tais signos icônicos normalmente têm as mesmas formas análogas fônicas e visuais que seus referentes.

Signos indexados ou dêiticos marcam ou apontam para significados determinados por meio de cor, forma, ou função, por exemplo, um gesto de apontar, semáforos, faixas de trânsito nas estradas para marcar as pistas de carros, diagramas indicando instalações elétricas, vasilhas coloridas diferentes para indicar o fluxo de produtos químicos diferentes, e palavras que vêm em conjuntos, por exemplo, aqui/ali, este/aquele.

Mas decididamente a maior e a mais complexa classe de signos é a dos convencionais, por exemplo, *matemática*, *universo*, *gripe*, *eclético*. Esses signos são também alguns dos mais importantes, mas o estudo dos signos não termina com os signos verbais. As vestimentas marcam com freqüência o status dentro de uma ordem religiosa e uniformes podem indicar a categoria, a atividade ou ambos; os templos geralmente indicam o tipo de prática religiosa (compare, por exemplo, templos confucionistas,

budistas e taoístas), bandeiras (para identificação de países e de times), sirenes (a necessidade de abrir caminho no tráfego). Mas alguns desses sinais não são significativos de imediato. Por exemplo, a luz vermelha geralmente implica algum perigo, enquanto a luz verde sugere o oposto; o amarelo é um prático sinal de alerta, e geralmente ocorre antes do vermelho, embora em algumas partes do mundo ocorra tanto antes do vermelho quanto do verde.

Mas a existência de diferentes tipos de luzes não significa que as pessoas vão prestar atenção a elas. Um amigo meu do Haiti insistia que somente prestava atenção às expressões faciais dos motoristas que vinham em sentido contrário, e um colega costumava insistir que parar no semáforo quando não havia carros à vista era um insulto a sua inteligência.

Comunicação por meio dos sentidos

A Semiótica também focaliza sua atenção no fato de que todo o conhecimento que adquirimos de outras pessoas deve vir por meio de um ou mais dos cinco sentidos: audição, visão, tato, paladar e olfato. Mas esses cinco sentidos diferem radicalmente na quantidade e na qualidade de impacto. A audição e a visão são certamente os mais experimentados, e eles freqüentemente sugerem reciprocidade, como, por exemplo, ouvir e falar, ver e ser visto. Podemos receber informação do espaço cósmico sobre distâncias e forças físicas, mas isso é comunicação estritamente de mão única.

Em contrapartida, o tato, o paladar e o olfato normalmente implicam uma comunicação muito mais próxima e um impacto muito maior. Um tapa nas costas, um abraço ou um beijo carregam muito mais significado do que "Muito obrigado!". E um beijo cinematográfico, envolvendo gosto, toque e cheiro, é quase um substituto de uma relação sexual.

Os signos não estão limitados a uma palavra, um gesto ou movimento isolados, mas podem envolver uma série inteira de atividades afins. Quando um sacerdote vudu faz uma imagem em rafia da pessoa e depois lança flechas nessa imagem à medida que sussurra maldições de morte, ele está usando um símbo-

lo icônico. E quando um devoto do vudu recorta do *Novo Testamento* um história de uma cura milagrosa e então faz um tipo de chá com o texto impresso e o dá a uma pessoa doente como um remédio para uma doença qualquer, ele está usando um símbolo indexado.

Da mesma forma, algumas pessoas em Cuba tentam curar doenças lavando o doente e em seguida jogando a água na rua, de forma que algum transeunte pise na sujeira úmida e leve embora a doença. Mas alguns dos rituais dos espiritualistas que adoram Santa Bárbara são muito mais complexos. Para garantir o vigor sexual, um amuleto sagrado da pessoa é ungido com o sangue de um galo ou de um bode, dois importantes símbolos sexuais. Presume-se que esse processo venha a garantir um poder sexual incomum.

Na verdade, todos vivemos em uma confusão de signos semióticos: capas atrativas de revistas, reconstituições de assassinato, propagandas que você sabe não ser verdadeiras, discursos políticos que mesmo os políticos sabem que são falsos.

Um dos problemas sérios ao se usar a Semiótica para ajudar as pessoas a entender a natureza e a função dos signos é que a terminologia da Semiótica é tão genérica que as pessoas não sabem como aplicar tais conceitos à experiência diária, como, por exemplo, palavras como *icônico*, *indexado*, *convencional*, *alvo*, *fonte*, *transferência*, *similaridade*, *diferença*, *mediação*. Como já foi indicado, nem mesmo as distinções entre icônico e indexado são sempre claras.

Para um analista as relações entre diferentes aspectos de um símbolo complexo podem ser indexadas, mas para o povo local suas atividades podem parecer completamente icônicas, embora em uma ordem inversa. Por exemplo, as cerimônias de cura do povo Navajo envolvendo canções melódicas e a pintura em areia são maneiras simbólicas de lidar diretamente com a doença ao atacar iconicamente o que se supõe ser a causa real da doença, ou seja, a hostilidade interpessoal. O uso de pílulas, por sua vez, seria meramente indexado para esse povo.

A informação sensorial não está, entretanto, restrita aos cinco sentidos normais. Por exemplo, o próprio funcionamento de todos os órgãos do corpo produz a sensação de bem-estar físico. A perda significativa de açúcar no sangue pode ser sinal

da necessidade de alimentação. Dores no intestino podem ser sinais da necessidade de defecar, e as rápidas mudanças na elevação, tanto nos elevadores quanto em aviões, podem produzir vertigens, ao passo que a completa ausência de gravidade pode incomodar algumas pessoas.

Os símbolos também podem alterar radicalmente suas funções e suas formas. O que acontece quando uma estátua de um santo torna-se um deus local ou uma bugiganga torna-se um amuleto mágico? O que acontece em uma sociedade na qual os jornais dão mais espaço a horóscopos que a notícias sobre os desenvolvimentos atuais na ciência? E como se explica que as chamadas sociedades civilizadas têm mais videntes do que professores?

A Semiótica também precisa de um componente psicológico para ajudar as pessoas a entender o que aparentemente acontece quando os impulsos puramente físicos são transformados em conceitos. Esse processo é mais facilmente entendido no caso da audição, mas desenvolvimentos análogos ocorrem em todos os sistemas sensoriais.

Frases proferidas são somente uma série de vibrações físicas no ar. Essas vibrações podem atingir os tímpanos das pessoas, que começam a vibrar sincronicamente e a passar tais vibrações para os pequenos ossos do ouvido. Esses ossos passam tais vibrações para o líquido nos canais semicirculares do ouvido, onde os cílios captam as vibrações. Mas tudo isso é essencialmente físico. Quando, entretanto, as pequeninas células nos cílios detectam as vibrações, os padrões da vibração transformam-se em sinais eletroquímicos, que depois são transferidos para os centros auditivos especializados, e por meio de padrões altamente especializados, ou até mesmo por séries de tais padrões, os impulsos são depois enviados para os centros conceituais do cérebro, onde a informação é analisada, classificada e armazenada e fica pronta para ser usada. Nunca poderemos saber precisamente o que acontece em tal comunicação e muito menos entenderemos completamente o universo em expansão.

O que é surpreendente a respeito da mente é que aparentemente ela nunca esquece nada por completo. Um amigo meu morou com os pais na Costa Rica até seus 12 anos de idade, ele

falava espanhol e inglês fluentemente, mas depois que sua família mudou-se para os Estados Unidos perdeu gradualmente sua competência em espanhol. De fato, quando voltou para a América Latina para se envolver com os estudos lingüísticos, insistia que tinha esquecido completamente o espanhol. Mas em três meses na Cidade do México ele estava falando espanhol sem sotaque e com uma fluência notável.

Outro amigo foi criado em uma área de falantes da língua árabe no Oriente Médio até mais ou menos seus seis anos de idade, e tinha certeza de que tinha perdido toda a sua habilidade de pronunciar uma certa quantidade de sons árabes incomuns. Mas quando começou a estudar a estrutura do som do árabe como lingüista, ficou imediatamente surpreso com o fato de que diversos sons foram ouvidos e pronunciados de maneira tão fácil e correta.

Por outro lado, a experiência das pessoas com o conhecimento de uma língua estrangeira pode ser tão negativa emocionalmente que elas são incapazes de falar o que uma vez falaram bem. Um menino falante do espanhol do México foi morar com os pais em Los Angeles, na Califórnia, mas estava tão determinado a superar seu *background* latino que se recusou a ser reconhecido como um falante do espanhol. Alguns anos depois, entretanto, quis voltar para a América Latina como professor, mas estava tão bloqueado emocionalmente em seu uso do espanhol que nunca superou sua atrofia lingüística auto-imposta.

Filtros comunicativos

Toda a experiência sensorial deve passar por dois tipos distintos de filtros: o estado emocional dos receptores e as pressuposições da cultura. Por exemplo, estados emocionais descritos como exuberantes, alegres, felizes, contentes, ansiosos e medrosos podem seriamente influenciar a interpretação de uma mensagem ou mesmo bloquear completamente o significado de uma afirmação. Essa é uma das razões pelas quais bons palestrantes freqüentemente gostam de fazer as pessoas sorrir ou dar risadas antes que se lancem a uma parte realmente crucial de uma palestra.

Depois de elogiar ao máximo um palestrante convidado, um mestre de cerimônias freqüentemente quer terminar com uma piada que mostrará que o palestrante é realmente um ser humano com os pés na terra. Mas, se o mestre de cerimônias não faz isso, um palestrante experiente normalmente começará com uma piada sobre si mesmo para se identificar com o público.

As pressuposições culturais da sociedade podem ter uma influência ainda maior sobre o significado de um texto. Por exemplo, na *Bíblia* os saduceus são descritos querendo pegar Jesus em alguma incoerência sobre a vida após a morte; assim, inventaram um exemplo extremo de uma mulher que teria casado sucessivamente com sete irmãos sem ter nenhum filho. E portanto, a questão dos saduceus era: “Na ressurreição, quando eles ressuscitarem, de qual deles será ela esposa? Porque os sete a desposaram” (Marcos 12.23, Tradução para o português de João Ferreira de Almeida).

Mas em muitas partes da África, assim como em muitos outros lugares, tal questão é absolutamente sem sentido. Ninguém seria casado, mesmo no céu, com uma mulher que fosse evidentemente uma bruxa que causou a morte de tantos maridos. A questão colocada pelos saduceus torna-se sem sentido devido a pressuposições culturais completamente diferentes.

Muitos tradutores são cegos no que se refere aos valores e aos conceitos culturais que influenciam de forma tão ampla a interpretação de textos, por exemplo, idéias tais como:

1. “há sempre muito espaço no topo” (se a pessoa é excepcionalmente competente em qualquer tipo de atividade, sempre estará no comando);
2. “o fim justifica os meios” (historicamente, uma parte da justificativa para a Inquisição, e, mais recentemente, para a “limpeza étnica”);
3. “bem limitado” (a crença de que há uma quantidade limitada do bem na vida e, se alguém parece ter mais do que deve ter por direito, o excesso deve ser tirado);
4. “dupla causalidade” (a idéia de que em qualquer tragédia grave, como morte por raio, por exemplo, há pelo menos duas causas diferentes: o raio e a prática de magia negra por alguém, para garantir que a vítima estivesse precisamente onde o raio cairia).

A idéia de dupla causalidade é muito difundida. Mesmo no chamado mundo civilizado, milhões de pessoas acreditam em astrologia, que é baseada na crença de que os acontecimentos das vidas das pessoas são determinados por dois tipos de eventos: os acontecimentos naturais da existência diária e a posição de alguns planetas, estrelas e constelações na hora do nascimento da pessoa. Muitas pessoas acreditam pelo menos um pouco em tantas forças ocultas (mesmo as contraditórias) que chegam a não reconhecer a incoerência de recitar uma passagem da *Bíblia* enquanto lêem seus horóscopos para o dia.

Muitos tradutores afirmam que sua tarefa é simplesmente reproduzir o significado de um texto em língua estrangeira em sua própria língua-mãe, pois isso é exatamente o que eles, em geral, foram ensinados a fazer.

Isso, entretanto, é um erro grave, porque a tradução satisfatória é muito mais complexa. Quando tradutores *free-lance* recebem um texto de uma agência de tradução, precisam saber o que os editores do texto realmente querem. Eles preferem uma tradução simplista ou querem algo que seja direcionado a um público particular? Essa é precisamente a informação que uma agência competente ou um editor precisa comunicar a seus tradutores. Quem é o público pretendido e qual o propósito do texto: divertir, vender um produto ou uma idéia, convencer um público sobre alguma questão ambiental? Pode ser até mesmo relevante produzir duas ou três diferentes traduções de um texto para diferentes públicos e para diferentes propósitos. Isso é especialmente importante em textos de propaganda porque empresas responsáveis freqüentemente querem testar diferentes versões em suas campanhas publicitárias.

A tradução eficaz nunca é uma atividade monótona.